

Socorro na Auto-Estrada

JOSEPH P. BLANK



A MANHÃ DE domingo—23 de fevereiro de 1969—estava cinzenta e triste. Nuvens alagavam Los Angeles com uma das maiores chuvas em muitos meses. George V. Valdez, de 49 anos de idade, dirigia para o norte na Golden State Freeway, auto-estrada de oito faixas de rolamento, ansioso por chegar ao hospital em que estava internada a velha avó de sua mulher.

Todos os domingos Valdez fazia o percurso de 35 minutos até ao hospital. Visitava também a velhinha uma ou duas vezes por semana, quando terminava o trabalho de inspetor de uma companhia de pneus e antes de começar o seu segundo emprêgo de meio-expediente como estivador. A doente não falava inglês, e nunca se sentia realmente bem a não ser se tivesse perto de si algum membro de sua família americano-mexicana. No *camper** Ford, juntamente com Valdez, a caminho do hospital, iam sua sogra e sua cunhada. O tráfego estava mais ou menos intenso. Apesar da chuva, muitos carros o ultrapassavam a 110 km/h.

Ao contornar uma curva suave, Valdez viu, uns 400 metros à sua frente, um carro que seguia para o norte dar de repente uma guinada e entrar pela cêrca que separava as pistas norte e sul.

—Houve um acidente mais adiante na estrada—disse êle às duas mulheres.

Começou a diminuir a marcha.

* Carro-moradia montado sôbre um chassi Ford.

Achou estranho que nenhum dos carros que iam à sua frente parasse.

Quando chegou ao local, Valdez viu que o carro acidentado, com todo o compartimento dos passageiros destruído, estava vazio, e viu também duas môças. Uma estava caída sôbre o lado direito na sarjeta perto da cêrca. A outra fôra violentamente projetada por baixo da cêrca para o lado sul da auto-estrada, e estava lá, deitada de rosto para cima, os braços estendidos numa atitude de rendição.

Valdez parou no acostamento da direita e saltou do carro. Quatro faixas de rolamento o separavam das vítimas. Nenhum dos carros que se dirigiam para o norte reduzia a velocidade. Motoristas e passageiros viravam a cabeça para uma olhadela rápida às mulheres e continuavam.

A sogra de Valdez viu-o preparar-se para correr num instante em que não passavam carros e gritou:

—George, o seu joelho!

—Alguém precisa fazer *alguma coisa*—respondeu êle irritado.

Valdez tinha um joelho fraco, que às vêzes cedia sem o menor aviso, e, quando isso acontecia, êle caía como se tivesse levado um tiro.

A Perna que Estava Faltando.

“Seja o que Deus quiser”, gritou êle em espanhol, e saiu correndo em zig-zague pelas quatro faixas até à cêrca. Ajoelhou-se ao lado de Donna Logan, uma môça de 18 anos. Ela estava com o nariz e a bôca mergulhados em seis ou sete centímetros de água na sarjeta. Valdez de-

licadamente virou-lhe o rosto contundido, retirando-o da água. Uma de suas pernas devia estar quebrada: o pé estava na posição errada.

—Ajude-me—suplicou ela, parcialmente consciente.—Está doendo.

—Já vem socorro—garantiu êle.

Olhou pela cêrca para onde jazia Elizabeth Althouse, de 20 anos, inerte na outra pista. Os carros que vinham em sua direção comprimiam-se na faixa adjacente para se desviarem do corpo.

—Tenha calma—disse Valdez à primeira môça.—Você está razoavelmente bem. Mas a sua amiga está sem movimentos. Voltarei dentro de um minuto. Não se mexa. Aqui você está protegida.

Saltou por cima da cêrca de 1,50 m de altura e correu para a Sr.^{ta} Althouse. Viu que não tinha a perna direita, decepada uns sete centímetros acima do joelho. Ajoelhando-se sob a chuva, tomou o pulso da môça e encostou-lhe o ouvido à bôca. Ela respirava. O pulso estava firme. Tirou o cinto das calças e usou-o como torniquete na coxa da môça. A cabeça dela estava a meio metro da linha de demarcação da faixa, e êle ouvia e sentia os carros passarem enquanto apertava o torniquete.

A perna, pensava êle. Onde está a perna? Ainda ajoelhado, êle olhou em volta e viu a perna na faixa mais afastada da mesma pista, a uns 12 metros de distância. *Tenho de apanhar aquela perna. Se conseguirmos chegar a tempo a um hospital talvez ela possa ser implantada.*

Levantou-se, ficou de pé entre o corpo da jovem e o tráfego que avançava, e começou a gesticular com os braços.

—Parem!—gritava êle.—Por favor! Precisamos de socorro!

Os carros que se aproximavam rodavam em volta dêle. Viu alguns motoristas olharem e abrirem a bôca com expressões de raiva. Ninguém parava.

Êle precisava apanhar a perna, mas não podia deixar ali a vítima. Puxou a Sr.^{ta} Althouse cuidadosamente para a calçada ao lado da cêrca. A chuva fustigava-os.

Ficou de pé na linha de demarcação entre a segunda e a terceira faixas e começou a agitar freneticamente o paletó como uma bandeira. Aproximou-se ruidosamente um grande caminhão com reboque, que por um triz não lhe arranca o casaco das mãos. Os carros passavam em disparada de ambos os lados. *Êles não vão parar*, pensou êle. *Não querem parar.*

Deslocou-se para a segunda faixa, gesticulando sempre para fazer parar o tráfego. E então pulou depressa para a primeira faixa. Lá estava a perna. Curvou-se protetoramente sôbre ela e, tirando um lenço encharcado do bôlso, aplicou um torniquete ao membro decepado, na esperança de que a retenção dos líquidos pudesse ajudar os médicos na operação cirúrgica.

Durante mais um minuto êle agitou o casaco por cima da cabeça, e afinal um carro parou à sua frente.

O motorista desceu parcialmente a vidraça e gritou:

—Que aconteceu?

—Ajude-me a bloquear o tráfego. Uma mulher perdeu a perna.

—Que quer dizer. . . perdeu a perna? Que perna?

—Está ali—apontou Valdez.

O motorista acabou de descer a vidraça e debruçou-se para fora. Ficou pálido e nauseado. Sem mais uma palavra, acelerou o motor, deu uma guinada e afastou-se.

Guarda das Chaves. Valdez enxugou o rosto com uma das mangas molhadas. *Alguém tem de parar. Alguém tem de ajudar.* Sentimentos de raiva, desespero, frustração e medo se agitavam no seu íntimo.

Ficou no centro da pista agitando o paletó. Outro *camper* parou, com uma mulher e um homem no banco dianteiro.

—Ajude-me a bloquear o tráfego—implorou Valdez.

Quando o motorista começou a descer do veículo, Valdez avisou:

—Cuidado! Vai pisar nela.

O motorista baixou os olhos até à perna decepada, caiu sentado no banco, exclamando:

—Oh, meu Deus!—e desmaiou.

Impulsivamente Valdez entrou no veículo e retirou a chave da ignição. Depois, com uma toalha tirada do *camper*, embrulhou a perna e, carregando-a debaixo do braço, caminhou para o meio da segunda faixa de rolamento. O primeiro carro a se aproximar teve de parar para não atropelar Valdez.

—Que aconteceu?—indagou o motorista.

—Por favor, fique onde está—disse Valdez.—Temos de conseguir socorro para aquela môça ali.

Estendeu o braço para dentro do carro e retirou as chaves. Estavam interrompidas duas das faixas.

Dirigiu-se à terceira faixa. Um carro freou e parou. O motorista, raivoso, buzinou furiosamente.

—Você está interrompendo o tráfego, seu cretino!—berrou êle.—Quem está pensando que é?

Valdez abriu a porta violentamente. Havia algo em seu rosto que fêz o motorista recuar. Valdez retirou a chave da ignição e estabeleceu assim uma terceira barreira na pista.

Na quarta faixa, um motorista parou o carro espontaneamente e correu para a frente, indagando:

—Posso ajudá-lo?

Embora tôdas as faixas estivessem bloqueadas por carros parados, alguns motoristas tentavam desviar-se do congestionamento passando pelo acostamento interno onde jazia a môça ferida.

—Você pode dar um jeito naqueles carros que estão tentando passar?—respondeu Valdez.

O homem correu gesticulando para impedir o avanço dos carros.

Valdez ajoelhou-se ao lado da Sr.^{ta} Althouse. Alguém lhe havia passado uma extensão de fio elétrico, e êle fêz outro torniquete na coxa da môça.

Nessa altura vários carros haviam parado na outra pista, e do outro lado da cêrca um homem gritou:

—Posso ajudá-lo, amigo?

—O senhor tem alguma coisa com que cobrir estas môças?

O homem pegou um pedaço de tapête e atirou-o por cima da cêrca, depois galgou êle próprio a cêrca. Estendeu o tapête, cobrindo o corpo e a cabeça da Sr.^{ta} Althouse.

—Não, não!—gritou Valdez, zangado.—Assim ela vai ficar sufocada. Segure-o por cima dela como se fôsse uma barraca.

O homem seguiu as instruções durante alguns minutos, depois disse:

—Eu não agüento mais. Vou deixar o tapête aqui. Vou-me embora.

Trepou por cima da cêrca e partiu em seu carro.

“Ninguém Está Morrendo”. Depois de ajeitar o tapête, Valdez foi até à cêrca e disse à Sr.^{ta} Logan:

—Tudo vai dar certo. Logo chegará uma ambulância. Não se mexa.

Êle estava verificando o pulso da Sr.^{ta} Althouse quando uma viatura da polícia desceu uma rampa vizinha, atravessou as quatro faixas e parou. Um policial desceu do carro. Valdez pediu-lhe:

—Por favor, chame uma ambulância.

—Há uma ambulância a caminho. Já devia estar aqui a esta hora.

E enquanto tomava conhecimento do que havia ocorrido o policial empalidecia.

Naquele momento a Sr.^{ta} Althouse, ainda em choque profundo, gemeu em voz alta:

—Minha perna, minha perna. Está doendo tanto!

—Sua perna está bem—disse-lhe Valdez.—O que está doendo é o torniquete que eu coloquei para estancar um pequeno sangramento. Vou afrouxá-lo, e a senhora vai sentir-se melhor.—Apertou a coxa da môça com o polegar para criar nova sensação de dor.—Pronto. Está melhor?

—Si-i-im.

A ambulância fêz uma volta na auto-estrada. Alguns minutos depois chegava um carro-socorro. Valdez e mais dois homens transferiram as môças feridas para duas macas. Quando Valdez ajudava a empurrar as macas para dentro da ambulância ouviu uma voz atrás dêle rezando a extrema-unção. Voltou-se e viu um padre.

—Que está fazendo?—indagou Valdez.—Ninguém está morrendo.

Sentia-se irritado e pensava: *Você se engana, companheiro, se pensa que elas vão morrer depois de todo o trabalho que eu tive.*

Quando a ambulância se afastou, Valdez devolveu as três chaves de ignição que havia retirado a um motorista que estava por perto. Transpôs a cêrca e dirigiu-se para o seu *camper*, onde sua sogra e sua cunhada, apavoradas, rezavam o Pai-Nosso em voz alta.

—Está tudo terminado agora—disse-lhes êle, trocando as calças e os sapatos por outros enxutos que tinha no fundo do veículo.

O carro da polícia e o carro-socorro retiraram-se da auto-estrada. Valdez voltou à pista e seguiu para o hospital.

—Porque não paravam?—perguntou a sogra.—Nós estávamos com mêdo que você morresse atropelado. Por que não paravam para ajudar você?

Valdez olhava fixamente para a frente. Pensava na espôsa, nos filhos gêmeos, de oito anos, em casa, e na possibilidade de êle ter morrido. Pensava em todos os carros que por êle passaram e em todos aquêles rostos que chispavam por êle—uns curiosos, outros impacientes, alguns zangados, outros indiferentes. Deu de ombros.

—Estava chovendo muito—respondeu.—Acho que êles não queriam molhar-se.

“**Gente Maravilhosa**”. Na volta da visita ao hospital, Valdez parou numa bomba de gasolina, ligou para a patrulha rodoviária e perguntou o nome do hospital para onde foram levadas as vítimas. Soube que Donna Logan sofrera uma séria fratura exposta no tornozelo; Elizabeth Althouse sobreviveria graças aos torniquetes providenciais aplicados na sua coxa, e uma equipe de cirurgiões se preparava para tentar implantar-lhe a perna decepada. No dia seguinte Valdez foi informado de que a operação fôra bem sucedida.

A direção do hospital publicou a notícia de como Valdez havia proporcionado os primeiros socorros na auto-estrada. Depois que o caso foi narrado no *Times* de Los Angeles, no rádio e na televisão, começaram a chegar centenas de cartas. Os signatários agradeciam a Valdez e di-

ziam-lhe que o interêsse dêle pelo próximo, com o risco da própria vida, bastava para renovar a sua fé na raça humana. Isto fortaleceu a sua própria fé. "Se tantos estranhos tiveram pensamentos tão bons sôbre o que aconteceu naquela auto-estrada, deve haver uma porção de gente maravilhosa neste mundo. Havia bem poucos na auto-estrada naquele domingo. Mas talvez em outra oportunidade, em outro lugar, êles estejam lá."

Embora a perna de Elizabeth Althouse fôsse implantada com êxito no tocante aos ossos, aos músculos e à circulação do sangue, ela nunca

recuperou o seu contrôle nem a capacidade de se erguer sôbre ela. Decorridos quatro meses, teve de ser amputada. Hoje a môça anda com uma perna artificial, dirige automóvel e prepara-se para voltar à vida normal. Donna Logan teve de receber um enxêrto ósseo no tornozelo e ainda está em tratamento.

Em abril de 1969 a cidade de Los Angeles elogiou oficialmente George Valdez pelo "seu heróico trabalho e sua extraordinária presença de espírito na salvação das vidas de Elizabeth Althouse e Donna Logan". Em agosto de 1969 a Carnegie Hero Fund Commission conferiu-lhe a sua medalha de bronze.



Engarrafamento de Tráfego

FIQUEI assombrado com a minha primeira experiência no tráfego europeu. Os pedestres andam no meio da rua, os motoristas estacionam em fila tríplice, fazem a volta em qualquer lugar e de modo geral andam como entendem. Considerando que não há montes de cadáveres nas sarjetas, eu sempre desconfiei que havia um código não escrito governando as relações entre motoristas e pedestres. Uma noite, em Roma, descobri qual era.

Um pedestre vinha atravessando a rua no meio do quarteirão e precisamente no caminho de um carro que se aproximava. O motorista desviou e o pedestre saltou—ambos na mesma direção. Novamente o pedestre se afastou e o mesmo fêz o motorista. A distância entre êles ia encurtando. O pedestre mudou de direção, com o único resultado de se pôr outra vez na frente do carro.

Foi a última gôta. O pedestre levantou a mão, no gesto universal de mandar parar. O seu temperamento italiano passara havia muito do ponto de ebulição, e êle se adiantou a passos largos para o motorista: "Idiota!", berrou. "Não é você que deve evitar-me; sou eu que devo evitar você!"

—R. O. W.